

A música é uma causa

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. A música é uma causa. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 88-90. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A música é uma causa

Uma causa num tempo pós-causas? Que espécie de causa seria a música hoje no Brasil? Qual o jovem brasileiro que não tem (teve/terá) uma banda? O que defende esse jovem com sua paixão sonora?

O que significa esse engajamento maciço ao mundo da música, ou deveria dizer, ao mundo das bandas? O IBGE deveria incluir a formação de bandas em seus questionários domiciliares, produzindo dessa forma o catálogo de todas as bandas brasileiras? Maneiro.

Para onde vão as bandas brasileiras? Apontam para uma sociedade mais saudável, uma grande tribo-fábrica de sonoridades e sociabilidades, ou para mais do mesmo? Aliás, essas bandas todas que existem passam pelas escolas? Evidente que não. Não existe ensino formal sistemático de música no País, e bem que deveria haver.

Para onde vai a música? Mas não existe uma música só. Então para onde vão todas elas? Só assim vou poder opinar melhor sobre sua condição de ser causa ou consequência. Ou será que já existem causas estáticas, causas que não vão a lugar nenhum? Pós-causas? O que é mesmo uma causa? Hoje.

Ouçõ a música dos esquimós (Inuit) raspando a garganta em jogos rítmicos bem modernos aos nossos ouvidos, a música dos índios brasileiros, dos pigmeus, dos aborígenes australianos. São causas? São música, perguntam alguns? Estão desaparecendo mais rápido que as florestas. A grande causa é a preservação.

Quem cuida do planejamento das músicas brasileiras? Além de Faustão? Quando teremos uma outra realidade para a distribuição de conteúdos, sem esse absurdo cabo-de-guerra entre donos da comunicação, que se ramifica em trincheiras territoriais do grotão até a metrópole?

De tantas e tantas questões e situações convocadas pela pergunta “para onde vai a música brasileira?” – sendo a defesa da música brasileira uma causa e tanto –, escolho fazer um recorte sobre esse mundo das bandas, dos jovens, da necessidade de projetar, recriar, copiar, ou mesmo inventar identidades. Da candura desses jovens criadores e intérpretes. De seu enorme potencial, e inconsciência.

A curtição tão intensa da música certamente tem a ver com o prazer que ela proporciona, mas esse prazer também está ligado à possibilidade de ficar rico e famoso – “se a banda bombar!”. No Brasil, a música (e o futebol) são canais “democráticos” para a roleta da fama. Ao contrário do lucro, ninguém sabe ao certo de onde vai vir o sucesso. Talvez seja eu!

Aliás, como é que funciona o prazer da música? Onde se aprende sobre isso? Existe prazer na música fora da fama e da mídia, mesmo que imaginadas, antecipadas?

Ao que tudo indica, a realidade psicológica da fama é semelhante à ingestão de uma droga estimulante e potencializadora do ego. Isso aí pode ser um processo saudável de construção de identidade, de projeção de uma marca, ou pode ser o simples macaqueamento de um estilo vendável. A distinção é a qualidade. Ou seja: além da preservação existe a busca de qualidade. Que espécie de causa é a busca de qualidade musical?

A música também toca na produção de substâncias estimulantes e potencializadoras do ego, a música pode envolver mergulhos no tecido sonoro, na viagem musical. Nunca a oferta de música foi tão ampla, fugindo inclusive ao controle do esquema. Nunca a curtição

foi tanta. Mas nunca essa ambição de fama e dinheiro foi tão potente e instrumentalizadora com relação à música.

O resultado desse dilema é um cenário complexo de oportunidades e de travações. Um cenário onde o iniciante se relaciona com a mídia e com o seu agrupamento mais próximo. Um cenário onde a possibilidade de desenvolvimento de crítica e de criatividade se esvai, já que os indicadores de qualidade estão todos atrelados ao grau de consumo.

Como é que esse universo de gente e de sons tão diversos pode ser estimulado a caminhar para um nível de felicidade mais maduro e sensato? Um patamar de existência onde os sons, suas causas, suas questões, viagem sem tanto apego ao imaginário predatório dos nossos dias?